

I V

**Cristianismo e Integralismo**

## Cristianismo e Integralismo

(À memória de António Sardinha)

Sob a memória de António Sardinha cresce o respeito pela sua personalidade e agiganta-se a estatura da sua obra. Há qualquer coisa de profundamente instintivo neste apego das novas gerações pelo seu profeta. O instinto procura o terreno firme, porque procura a plenitude vital. Muitas vezes chocado pela lucidez apática da inteligência, ele estremece quando encontra uma inteligência viva e palpitante.

António Sardinha foi um pensador vivo. Tantos anos depois da sua morte, ei-lo em plena pujança, de peito aberto aos vendavais, com o ar de quem desafia o tempo por já ter dentro de si uma chama da Eternidade. É o conquistador. De espada erguida, naturalmente, avança. Vence, por definição. Tem qualquer coisa da sabedoria antiga. Não é o homem esfarrapado, o homem mutilado dos nossos tempos de ruína. Olhou a Esfinge e decifrou-lhe o sorriso: alegremente, caminhou então pelo Deserto.



E é essa alegria de viver, de pensar e de agir, essa euforia de construir de acordo com Deus e a natureza, essa profunda paz com que fez a sua guerra, que o nosso instinto ama. Os rapazes do nosso tempo são naturalmente atraídos pela sua memória. E é por isso que se vai repetindo um fenómeno à primeira vista inexplicável: muitos dos nossos companheiros, que em aspectos essenciais do problema político são ainda seus adversários, encontraram um vasto campo de perfeita aliança com ele. Também eles são *integralistas*.

Mas terá sentido dizê-lo?... A alma é naturalmente cristã — segundo o antigo apologeta. Com a mesma razão (ou até com razão maior) se poderá dizer que a alma é naturalmente integralista.

\* \* \*

O que acabo de afirmar talvez pareça perigoso e falso. Contra o perigo, peço o remédio da atenção. Contra a falsidade peço a D. Quixote que não avance, porque são outra vez moínhos de vento...

Quando se diz que a alma é naturalmente cristã, é preciso saber de que se trata. Naturalmente cristã em quê? O Cristianismo é uma Doutrina; essa Doutrina desdobra-se em dogmas. A alma abraçará naturalmente esses dogmas? De maneira nenhuma!

O fundamental, a fonte dos outros, é a divindade de Jesus. E essa verdade, não foi a carne nem o sangue, mas o Pai, quem a revelou aos homens (cf. *Mat.*, XVI, 13-19). O Cristianismo é também um Culto. Será nesse Culto que a alma é cristã por natureza? Não. Porque o centro do Culto cristão é a Missa, e esta só tem sentido à luz do dogma.

Será então a Moral? Mas a Moral da religião cristã deriva do grande princípio da nossa vocação a irmãos e co-herdeiros do Unigénito. É uma moral que só se compreende a partir do dogma e só se efectiva por meio do Culto. Dogma, Moral, Culto... Nenhum deles é corolário ou conquista da alma humana. E no entanto dificilmente nos despediremos desta ideia: *anima naturaliter christiana*. E não se trata, aqui, de mais um de tantos casos lamentáveis em que o lugar-comum já não despega, por mais falso que se tenha provado.

O Cristianismo é, evidentemente e antes de tudo, uma religião. Mas é também uma concepção do Homem. E é este humanismo subjacente à religião cristã que permite afirmar ser naturalmente cristã a alma humana. Históricamente, religião cristã e humanismo cristão têm a mesma raiz, brotam da mesma fonte, e a idade duma é a idade do outro. Racionalmente, a primeira é sobrenatural, o segundo é natural. Entre ambos, a harmonia é perfeita, como entre as duas naturezas na Pessoa de Cristo. A religião cristã não evolui; o humanismo cristão está sempre sujeito a um processo histórico. Também Jesus crescia em idade, sabedoria e graça, enquanto a Sua natureza divina permanecia imutável. O humanismo historicamente cristão podia ter sido, historicamente, aristotélico. Não faz parte da Revelação; logo, está contido na natureza humana. A religião veio descobri-lo, não veio criá-lo. E de facto era preciso descobri-lo. Entre o Humanismo e o próprio Homem alongava-se todo o Mar tenebroso...

Sempre que, diante duma ideia cristã, pudermos ver nela uma espécie de viagem para lá do



Bojador, um regresso àquilo que, de tão escondido, já se julgava inexistente; sempre que uma ideia ou um facto cristão é para o Homem como para cada homem pode ser o tocar do sino da sua terra quando ele volta de longe; sempre que Cristo ou a Família de Cristo nos aparece como o reconstructor de uma cidade desfeita — podemos concluir que deante de nós está o humanismo cristão.

E este apreciar, este saborear do Cristianismo parece ser a melhor regra prática para ver — o que especulativamente é de certo mais difícil — até onde chega a religião e desde onde vem o humanismo.

Assim considerado, já vemos como o Cristianismo é natural à alma, ou a alma natural ao Cristianismo. A alma não é um fogo-fátuo, nem a chispa que salta de pedras friccionadas; mas uma substância. E essa substância, eminentemente viva e dinâmica, tem, necessariamente, tendências. Ao encontro delas desceu o Cristianismo, e no clima sobrenatural por ele gerado essas tendências desabrocharam como nunca. A alma humana é naturalmente cristã na medida em que o Cristianismo é naturalmente humano.

\* \* \*

O Integralismo situa-se em todos os planos do Homem; procura resolver todos os problemas humanos. São estes, essencialmente, três: o religioso, o político e o económico. Sem a sistemática solução destes três problemas nenhuma doutrina se pode dizer humana. Não há humanismo monárquico e outro republicano; não há humanismo de-

mocrático e outro aristocrático. Há um humanismo comunista. E, em face dele, há o humanismo cristão. Porque o Comunismo e o Cristianismo tomam posição naqueles problemas, oferecendo para eles soluções encadeadas.

Por seu lado, o Integralismo, quer em Portugal quer no Brasil, quer com Pequito Rebelo, quer com Plínio Salgado, afirma-se no plano religioso, no político e no económico.

Basta ler *Pela Dedução à Monarquia* do doutrinador português e o célebre Manifesto publicado pelo doutrinador brasileiro nas vésperas dumas eleições presidenciais do seu país. A universalidade dos problemas e a lógica ordenação das soluções encontram-se num e noutro. Tanto basta para os acreditar como humanistas.

Mas o humanismo integralista existirá ao lado do humanismo cristão e do humanismo comunista? Haverá no mundo actual três espécies de humanismo, em concurso?

Seria errado supô-lo. Humanismo integralista é o outro nome do Humanismo cristão. Todo o cristão de clara consciência humanística é, *ipso facto*, integralista. A glória desta coincidência pertence, evidentemente, ao Cristianismo, que abriu os olhos ao homem para que ele se pudesse ver em todas as dimensões de que é capaz. Não se trata duma adesão cristã à doutrina integralista. Trata-se, sim, de verificar por uma serena análise que o Integralismo soube dar ao humanismo cristão uma forma que, neste momento da História, é porventura a mais perfeita. Nisto está o seu mérito, que é o mérito inegável dos intérpretes e dos sistematizadores.

Não cabe no breve espaço deste ensaio, fazer a demonstração do que acabo de afirmar. Sem pretender de modo nenhum o papel de descobridor, pois não faço senão exprimir o que muitos pensam, tenho no entanto uma outra pretensão: a de que este breve e imperfeito esboço seja início de estudos mais profundos sobre um assunto que conduz directamente ao centro das mais altas preocupações da mocidade latina. Não se trata de modo nenhum de fazer glosas ao que os doutrinadores escreveram. Esse processo é demasiado estreito e a pouco mais pode levar que à catalogação de ideias e à contemplação budística, de olhos para dentro, a ruminar pensamentos.

Como bem notava Chesterton, é próprio do cristão abrir os olhos para fora, para cumprir o ideal da Sabedoria e avançar alegremente. E se Chesterton o notou no cristão perfeito, nós o notamos no homem que em grande parte abriu o nosso caminho e cujos passos firmes, sempre em frente, a tantos anos da sua morte podemos sentir.

## V

### Situação da Política no Humanismo